

Cadernos **IHU** *ideias*



JESUÍTAS BRASIL

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
ano 18 • nº 296 • vol. 18 • 2020



O desassossego do leitor:
subjetividades juvenis e leitura na
contemporaneidade

Maria Isabel Mendes de Almeida



Cadernos
IHU *ideias*

**O desassossego do leitor:
subjetividades juvenis e leitura na
contemporaneidade**

Maria Isabel Mendes de Almeida

Universidade Candido Mendes- UCAM e Pontifícia
Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC Rio

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
ano 18 • nº 296 • vol. 18 • 2020



Cadernos IHU ideias é uma publicação quinzenal impressa e digital do **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores(as) em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: Marcelo Fernandes de Aquino, SJ
Vice-reitor: Pedro Gilberto Gomes, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XVIII – Nº 296 – V. 18 – 2020
ISSN 1679-0316 (impresso)
ISSN 2448-0304 (online)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial: Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. Dr. Lucas Henrique da Luz; Dr^o. Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marilene Maia; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Prof. Dr. Adriano Naves de Brito, Unisinos, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Angelica Massuquetti, Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; Profa. Dra. Berenice Corsetti, Unisinos, doutora em Educação; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Prof. Dr. César Sanson, UFRN, doutor em Sociologia; Prof. Dr. Gentil Corazza, UFRGS, doutor em Economia; Profa. Dra. Suzana Kilpp, Unisinos, doutora em Comunicação.

Responsável técnico: MS Ricardo de Jesus Machado

Imagem da capa: Brumadinho / Reprodução YouTube

Revisão: Carla Bigliardi

Editoração: Ricardo Machado

Impressão: Impressos Portão

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2003)- . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- . v.

Quinzenal (durante o ano letivo).

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.

Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 11, n. 204 (2013).

ISSN 1679-0316

1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 316

1

32

Biblioteca responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

ISSN 1679-0316 (impresso)

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos IHU ideias:

Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil

O DESASSOSSEGO DO LEITOR: SUBJETIVIDADES JUVENIS E LEITURA NA CONTEMPORANEIDADE

Maria Isabel Mendes de Almeida

Universidade Candido Mendes- UCAM e
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC Rio

As relações travadas entre os jovens e as práticas de leitura na contemporaneidade são uma fértil porta de entrada para se pensarem transformações cruciais no plano das subjetividades, dos afetos e da imaginação. Essas relações contêm uma ampla gama de possibilidades interpretativas, sobretudo se dedicamos nossa atenção à dimensão do “como se lê” em detrimento da ênfase sobre o “quanto se lê”¹. Ou seja, a menção ao fato de que os jovens não leem nos dias de hoje só pode derivar de uma apreciação quântica e cumulativa sobre o ato de ler, e não da ênfase concedida aos inúmeros aparatos, suportes, formas e modalidades de leitura que atravessam o universo particular dos jovens leitores.

1 As reflexões em tela são fruto do projeto “Territórios Literários: novas tecnologias, práticas de leitura e de compartilhamento na contemporaneidade”, conduzido desde 2016 pelo Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Cândido Mendes - CESAP/UCAM, sob minha coordenação. Em busca de interlocução com jovens leitores e em consonância com a necessidade de mudar a pergunta em torno de “quanto se lê” para a problemática de “como se lê”, proposta por Nestor Garcia Canclini, foram realizadas entrevistas em profundidade com pessoas de 14 a 39 anos, de diferentes classes sociais e níveis educacionais; etnografia em saraus, SLAMs (disputas de poesia), livrarias, sebos, feiras e lançamento de livros e fanzines; bem como em observação de vídeos feitos por booktubers, participação em grupos de leitores e autores em redes sociais e plataformas que propiciam a troca de conteúdos literários (Skoob, Medium e Wattpad, por exemplo) e, por fim, promoção de eventos com tais agentes e especialistas nas temáticas de juventude, leitura, corpo e redes sociais digitais. CANCLINI, N. G. Quanto e como se lê? Refazer as perguntas. Revista Observatório Itaú Cultural - N. 17. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

Este universo hoje abriga uma incomensurável rede de pertencimentos e compartilhamentos de leitura: textos e comentários sobre tais funcionamentos circulam em conhecidas redes sociais *online*, como Instagram, Facebook e Twitter, e também em redes e plataformas digitais voltadas mais especificamente para as práticas de leitura e escrita, tais como o Wattpad e o Medium. O compartilhamento das leituras entre os jovens pesquisados é um dos indicadores mais representativos das transformações nas formas de ler na contemporaneidade. Neste sentido é possível se pensar sobre relevantes contrapartidas com as modalidades individualizadas e insulares das modalidades de leitura.

Michel De Certeau² referencia François Furet, que nos revela que a “modernização, a modernidade é a escritura”. Ele complementa explicando que a generalização da escritura provocou a substituição dos costumes pela lei abstrata, da mesma forma que as autoridades tradicionais pelo Estado, e a desagregação do grupo em benefício do indivíduo. É curioso perceber o uso, por parte desse autor, da metáfora da “mestiçagem” para pensar tal transformação entre os dois elementos outrora distintos, o escrito e o oral.

A leitura compartilhada, referida e embebida pelo outro e apoiada pelo “plantão permanente” das inúmeras solicitações que vêm das telas, mobiliza um tipo de abertura às redes que tem dificultado cada vez mais uma circunstância de isolamento para as pessoas, para que elas consigam ficar sozinhas, confrontadas consigo mesmas a partir de um estado de espírito intimista e interiorizado com o livro. A leitura moderna como prática individual cede lugar às práticas pluralizadas e expandidas de ler. Neste sentido, revela-se aqui, a partir de sugestão de Petit³, uma circunstância paradoxal da leitura, que permite, ao mesmo tempo, uma escapada solitária e encontros. “Distante do(s) próximo(s), ela é o meio de experimentar uma permanência onde não há – e é talvez por isso que vemos tanto nos meios de transportes, sugere Daniel Gondin, mas é também para empurrar a viagem para mais longe [...]”.

Cabe aqui – no âmbito dessa citação e da ênfase sobre a perspectiva paradoxal – atentarmos para o caráter relativo da própria condição de se estar sozinho. Ou seja, não é possível pensar em um leitor absolutamente isolado. Ele nunca está “só” ou “isolado” se tomamos como referência sua necessária interação com um suporte, um ou mais autores e os universos criados por eles. Além do compartilhamento, a importância

2 DE CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: Um. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008, p.263.

3 PETIT, M. A arte de ler ou como resistir à adversidade. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini - São Paulo: Ed. 34, 2009, p. 76-80.

da sociabilidade e a dimensão da intersubjetividade das redes são aspectos cruciais nessa nova economia interna dos jovens leitores. Isso porque a leitura, de fato, desatrela-se de seu perímetro individual e constantemente se vê sendo objeto de múltiplas e pluralizadas ocasiões sociais. É muito comum, por exemplo, observar a leitura se distribuindo, se partilhando, se ‘dissolvendo’ mesmo, entre grupos de jovens voltados para as práticas de poesia, romances, quadrinhos, cuja tônica e o objetivo é vivenciar e socializar a prática da leitura em conjunto. Neste sentido, cabe aqui trazer para a discussão as feiras livres, a comercialização de publicações em eventos públicos, o circuito de oficinas, seminários e os saraus. Para Carolina Almeida, fazem parte de um “construir coletivo da literatura que se expande para além das bordas de uma certa restrição semântico-acadêmica”⁴.

Como mencionamos acima, a leitura se distribuindo, se espalhando, se dissolvendo, alude ao fato de não se poder deixar de levar em conta algo que vem crescendo no Brasil nesses últimos três anos, “que diz respeito a um pensamento que só se faz a partir da presença e da convivência háptica entre pessoas: os clubes de leitura. Almeida nos alerta “que não se trata de qualquer clube de leitura. Desde 2015, quando se iniciaram as atividades do primeiro grupo Leia Mulheres, em São Paulo, outros coletivos dedicados a ler autoras ou autores que costumam passar à margem dos orçamentos publicitários das grandes editoras começaram a criar novas redes de afeto que têm o debate literário como força catalisadora de experiência de vida”.

Inúmeros são os modos de significação e os impactos desta agitada e inquietada subversão que tem lugar no limiar de uma época não menos atarantada em relação a um universo paradoxal e incerto que atravessa leitores, subjetividades, temporalidades, ânsia por conexão, perda de referências. Os fluxos informativos acelerados a que estamos expostos por meio das novas tecnologias influem em nossa sensibilidade e em nossos processos cognitivos.

Uma espécie de ziguezague de humores parece se operar entre nossos interlocutores quando aqueles que nutriam uma autoimagem de leitores vorazes sentem-se quase que envergonhados por não conseguirem mais ler e tributam a dificuldade de concentração em um texto contínuo aos múltiplos estímulos que provêm permanentemente da esfera digital. Ou seja, não se trata da visão simplista da tecnologia promovendo isolamento social, mas da conexão excessiva desaguando muitas vezes

4 Suplemento Pernambuco. Clubes de leitura e o porquê de ler juntos. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-antiores/77-capa/2212-clubes-de-leitura-e-o-porqu%C3%AA-de-ler-juntos.html>. Acesso em: 16 de julho de 2019.

em perda da capacidade de concentração e devaneio. Mais adiante trataremos da crucial questão do devaneio que, segundo alguns de nossos interlocutores, é outra variável crucial a ser conquistada e mantida em meio à difusão imperiosa da parafernália tecnológica.

Guiar e mapear a pesquisa, tomando como princípio orientador o “como se lê”, tornou possível para nós o contato com as condições de fragmentação, de comunicação multilinear, labiríntica e ubíqua da leitura⁵, assim como das funções desempenhadas pelos hiperlinks e pelas narrativas transmidiáticas. Essas últimas desenrolam-se por meio de múltiplos canais de mídia, cada um deles contribuindo de forma distinta para a compreensão do universo narrativo.

Formas de realização, vivência e experimentação da leitura entre jovens contemporâneos têm se constituído em um estado de coisas que em muito ultrapassa a sua dimensão de mera transformação objetiva e operacional. Isso significa dizer que, muito além de constatar a mudança nessa relação em termos de consumo economicamente visíveis, propomo-nos acompanhar aquilo que é predominantemente invisível sociologicamente: os impactos e consequências dos atuais modos de processamento das relações dos jovens com a leitura que se traduzem sobre o plano da subjetividade, das emoções, dos afetos, dos corpos, das sociabilidades.

Inúmeras configurações oriundas da realidade digital e suas múltiplas notificações que vêm das telas – vibrando, piscando, apitando – têm se constituído em um profícuo campo de reflexão para se pensarem novas economias internas de jovens que ainda têm o livro como referência, mas que, ao mesmo tempo, protagonizam junto aos novos suportes tecnológicos formas outras de funcionamento e atribuições de sentido. O livro como referência socializatória é indicador aqui da passagem intrafamiliar do legado de uma geração para outra, onde a ênfase é a transmissão do livro como referência simbólica.

Fragmentação da leitura, compartilhamento e sociabilidades múltiplas mobilizadas pela internet – todos esses são aspectos que convivem lado a lado com processos de aceleração, vertigem e descontinuidade⁶, provocados pelas alterações oriundas do capitalismo globalizado da

5 SANTAELLA, Lucia. Navegar no ciberespaço. O perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

6 CRARY, J. Capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BOURRIAUD, N. Radicante: por uma estética da globalização. Tradução Dorothee de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes, 2011a. (Coleção Todas as Artes).

contemporaneidade. Temas como a tecnofobia⁷, o pânico moral⁸, a violência neuronal⁹ vêm sendo pensados como sintomas subjetivos que se encontram mais próximos às alterações que atravessam as sensibilidades e os processos cognitivos dos jovens em suas interações com as novas tecnologias.

Sobre a tecnofobia – que é o fenômeno que nos interessa mais de perto aqui –, ela é encarada de modo mais ou menos binário em relação à noção de tecnofilia. Ou seja, no caso do segundo termo

tem lugar o otimismo das potencialidades advindas das redes sociais, a tecnologia enxergada como instrumento que possibilitaria a emancipação humana, a real oportunidade para uma vida com mais tempo, dedicada ao lazer e o aprimoramento individual. De outro lado deste desenho binário, situam-se aqueles que perceberam na tecnologia o aprisionamento humano, o fetichismo da máquina e a dissolução do humanismo que aprofundaria o abismo agora, não mais apenas da dominação do homem pelo homem, mas do homem pela máquina.¹⁰

O tecnopânico é mais uma circunstância capaz de envolver nossos interlocutores e suas relações de medo e ansiedade oriundos das novas tecnologias trazidas pela própria modernidade. Este fenômeno expressa-se como uma tentativa de contextualizar o pânico moral como resposta ao medo da modernidade, que as novas tecnologias representam. Segundo Marwick, o tecnopânico tem as seguintes características. Primeiro, ele se concentra em novas formas de mídia, que atualmente assumem a forma de tecnologias mediadas por computador. Segundo, geralmente patologiza o uso que os jovens fazem dessa mídia, como *hackear*, compartilhar arquivos ou jogar videogames violentos. Terceiro, essa ansiedade cultural se manifesta na tentativa de modificar ou regular o comportamento dos jovens, seja controlando os próprios ou os criadores ou produtores de produtos de mídia.

No caso da violência neuronal, Han a conceitua como um problema contemporâneo, posterior ao das patologias imunológicas. Para ele, os estados patológicos neuronais ocorrem devido a um exagero de positividade, no que chama de dialética da positividade. A violência da positividade resulta da superprodução, do superdesempenho e da supercomu-

7 TONUS, M; SILVEIRA, D.S.; GURÃO, B.F. Tecnofobia x tecnoutopia: o equívoco simétrico. Rio de Janeiro: Revista Eco Pós, 2017, v. 20, n. 1.

8 MARWICK, A. To Catch a Predator? The MySpace Moral Panic. *First Monday*, 13(6): artigo 3, 2008.

9 HAN, B.CHUL *Sociedade do cansaço*. Vozes, 2015.

10 Idem nota 7: Tonus; Da Siveira; Fonseca Gurão, 2016.

nicação, que já não é mais viral. A sociedade é permissiva e pacificada, trata-se de uma violência sistêmica.

Vale ainda assinalar que, apesar de muitos jovens encararem suas experiências atuais de dificuldade com a leitura como patológicas, como veremos abaixo, seria por demais simplificador instalá-las somente em uma atmosfera regida pelo tecnopânico e pelas distorções da subjetividade. Nossos dados, ao contrário, também nos conduzem a uma tipologia de olhar mais nuançada e matizada, em que os processos criativos e alternativos de resignificação da leitura sobrepõem em muito as pequenas frações ou um ‘ruminar’ de patologização que podem ter lugar neste mesmo plano, embora não se constituam como suas referências norteadoras... Apesar de não se inscreverem desse modo, elas não deixam de expressar um “sintoma”¹¹, revelador das vicissitudes entre os jovens e suas dificuldades de dar conta do ‘fôlego’ leitor. É muito elucidativo lidar, por exemplo, com um universo terminológico, no qual jovens aludem a processos de reabilitação, ou melhor, que necessitam se reabilitar para alçarem uma suposta condição anterior que hoje se encontra praticamente perdida, a de leitor.

O youtuber João Paulo Barbosa propõe aos seguidores de seu canal¹², como promessa de Ano Novo, ler, pelo menos, um livro por mês. Ele mesmo, a respeito de si, diz que terá de passar por um processo de reabilitação para poder voltar a ler como antes. Segundo suas palavras, “tem um povo do *whatsapp* que me segue, assim todo mundo que está com o mesmo problema que eu, vai entrar na minha promessa de Réveillon que é ler um livro por mês”. É curioso perceber aqui uma nuance da dimensão reflexiva sobre a aposta de João Paulo que é atravessada pela perspectiva coletiva e que é tratada como tal.

“Reabilitação”, “patologias”, amigos que estão com o “mesmo problema”. Isso não é tudo. No texto “Por que não conseguimos mais ler? Ou, livros podem nos salvar do que a era digital faz com nossos cérebros?”, publicado na plataforma Medium¹³, Hugh McGuire traz à baila a dopamina e suas articulações com a era digital. Segundo ele, as informações novas criam um fluxo de dopamina no cérebro, o neurotransmissor, que faz você se sentir bem. A perspectiva de obter informação nova compele seu cérebro a buscar este fluxo de dopamina. A ciranda algo “viciada” entre a dopamina e o prazer da interrupção digital acaba por nos conduzir

11 DUNKER, C. I. L. Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano. [S.l.: s.n.], 2017.

12 Vídeo no Youtube. Não consigo mais ler. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b8RAnv8lTnc>. Acesso em: 18 de janeiro de 2019.

13 . Disponível em <https://medium.com/brasil/why-can-t-we-read-anymore-94aa0d0ebad7>, tradução de Hermano Freitas. Acesso em: 18 de janeiro de 2019.

à manutenção da dificuldade de se concentrar nos livros, no trabalho, na família e nos amigos. Está instalada, portanto, a atmosfera que pende para um lado ou para o outro, na qual pairam as interpretações acionadas por nossos interlocutores. No primeiro caso, uma “reabilitação” está em curso e deve ser aplicada a um conjunto de amigos que estão ‘desorbitados’, no segundo, ingredientes como imagens funcionais da ressonância magnética dão o tom da direção da concentração que deve ser “retomada”...

A camada fina de patologização não pode deixar de ser aqui traduzida na forma como a visualizamos entre nossos leitores. Existe, certamente, por parte desses, a estranheza diante do fato de que não se consegue mais ler um livro até o final, ter a paciência necessária para tal, o ritmo exigido para a sua sequência etc. Muitos fazem referência, inclusive, à angústia, como um fenômeno muito comum e derivado do fato de não se conseguir ler mais livros, ou não se conseguir ler um livro até o fim. Em outro texto sobre leitura publicado em um site, também lastimando-se e procurando encontrar as razões para a diminuição notória das práticas de leitura entre seus amigos, Wagner Brenner assinala: “Sou um leitor, desde que me entendo por gente. Sempre li muito. E continuo lendo. Mas de uns anos prá cá, me alimentar compulsivamente de internet tem causado um efeito colateral que ainda não consigo explicar muito bem. Só sei que agora, toda vez que pego um livro nas mãos, não consigo ler, canso rápido. Se o texto não ‘embala’ logo, preciso de muito esforço para continuar com a leitura...”¹⁴

Em seu vídeo no YouTube¹⁵, João Paulo Barbosa relembra de forma lúdica as suas experiências do passado, quando, contra recomendações de sua mãe que o fazia respeitar as horas recomendadas de sono, ele se escondia entre as cobertas com uma lanterna na mão e lá passava algumas horas lendo, antes de dormir. Ele nos reportava sobre o quanto era prazerosa aquela experiência! Em seguida, João Paulo parou de ler, a leitura para ele nos dias de hoje “não dura nem meia-hora. Se o enredo não engata logo... Quando pego o livro, não aguento. Sinto-me angustiado. A leitura não sobrevive nem meia-hora. Ela se desfoca. Quando abro o livro, o sono aparece. Tenho o péssimo hábito de comprar livros e não conseguir ler. Meus livros estão se acumulando nas estantes. Tenho lido em pequenas doses, através de vários sites”.

Angústia, compulsão, efeito colateral são alguns dos marcadores que *encompassam* um *modus operandi* sobre esta abordagem muito

14 Disponível em: <https://www.updateordie.com/2016/07/19/socorro-nao-consigo-mais-ler-livros/> Acesso em: 18 de janeiro de 2019.

15 Idem nota 1.

peculiar da patologia entre nossos informantes. A angústia é o sentimento derivado do lamento por não se conseguir ler mais como antes, a compulsão está atrelada aos excessos de contaminação tecnológica, e os efeitos colaterais tomam emprestado o vocabulário médico como modo de expressão.

Encontramos na reflexão de Han sobre a violência da positividade na contemporaneidade uma chave oportuna para pensar o que nossos interlocutores entendem como patologia. “A violência da positividade que resulta da superprodução, superdesempenho ou supercomunicação já não é mais viral”¹⁶. Parte das razões que sustentam a condição do desassossego conectam-se a um tipo de ânsia de exercer um conjunto “transbordante” de atividades, que estão situadas entre os planos digitais, analógicos, presenciais, virtuais, artesanais. Ou seja, foram frequentes as chances de acompanharmos as tentativas de nossos interlocutores de conter, desassossegadamente, todos esses registros de uma só vez. Han subsume, sob a classificação de exagero da positividade, os estados patológicos da contemporaneidade, em que a “violência não provém apenas da negatividade, mas também da positividade, não apenas do outro ou do estranho, mas também do igual”¹⁷. É a condição deste igual que nos remete ao que Deleuze¹⁸ nomeou – ao contrário do indivíduo das sociedades disciplinares, em que se estava à frente do par indivíduo – massa, como a instância do *dividual*, divisível. Ou seja, estamos diante de sujeitos divididos em si mesmos – o que provoca ansiedade e turbulência –, mas que também procuram avidamente compartilhar, associar-se e multiplicar-se em seus destinos.

DESASSOSSEGO, LEITURA E SUBJETIVIDADE: UPDATE OR DIE

Update or die. Esta expressão nomeia um site que concentra uma comunidade de pessoas ligadas às áreas de criatividade e inovação. A página reúne jovens redatores, diretores de arte, fotógrafos, *web designers*, planejadores, executivos de marketing. O conjunto de profissionais que constitui essa comunidade descreve o que fazem da seguinte forma:

Nosso conteúdo é “não-jornalístico”, o que significa que “não temos jornalistas contratados e todos os nossos posts nascem espontaneamente por colaboração da nossa comunidade de *updaters*. Não te-

16 HAN, 2017. p. 16.

17 Idem nota anterior.

18 DELEUZE, G. 1992b. Post-scriptum: sobre as sociedades de controle. In: Conversações. Rio de Janeiro: Ed. 34.

mos pauta. Somos **atropelados** por elas. Escrevemos sobre coisas que genuinamente nos chamam a atenção e nos inspiram. Escrevemos sobre o que os criativos produzem, mas principalmente sobre aquilo que os alimenta.¹⁹

Como pode ser acompanhado, esses sujeitos não deixam de destacar o fato de se alcunharem *updaters*, que são atropelados pelas pautas. A expressão que dá título ao site parece encarnar com familiaridade o circuito subjetivo, as sensibilidades e o *ethos* dos jovens leitores com os quais trabalhamos. Para eles, portanto, *update or die* reúne uma espécie de ‘concentrado’ de circunstâncias que salta aos olhos, quando procuramos elucidar a condição do desassossego, da trepidação e da instabilidade corporal e psíquica que permeiam o cotidiano desses jovens.

Quanto a mim, a estranheza e perplexidade que esta expressão suscitou estão possivelmente relacionadas à minha geração, que foi jovem na década de 70 do século XX. Ou seja, aquilo que assolou, de imediato, minha imaginação frente àquela expressão foi a sensação de asfixia entre uma ação e outra, um encurtamento forçado das distâncias entre postar e ler posts (se atualizar) ou “morrer”, em sua falta de saídas quanto a caminhos ou ritmos outros que se colocassem como alternativos. Tal contrapartida geracional nos é muito oportuna para a reflexão sobre o desassossego contemporâneo e vale insistir ainda sobre o fato de que, no âmbito da minha geração, a urgência de atualização não somente não se colocava entre jovens leitores, como a experiência com a atenção se processava de forma mais verticalizada e autoconcentrada naquele universo. Ou seja, encontrava-se ali uma condição maior de tolerância, linearidade, serenidade e calma para lidar com a prática da leitura.

Se a familiaridade entre se atualizar ou morrer inscreve-se como manobra típica no contexto de nossos interlocutores, isso não quer dizer que eles estejam infensos ao desassossego, aos fluxos informativos acelerados, de certas modalidades de patologias e sintomas de alteração da capacidade cognitiva. Muitas vezes, ao contrário, a grande sintonia existente para nossos entrevistados diante de tal passagem imperativa (atualizar ou morrer) não proporcionava para todos eles a garantia de um empreendimento bem sucedido. Ou seja, não era raro o travo da angústia, da ansiedade e do desassossego que nesses jovens deitavam suas raízes, produzindo efeitos algo deletérios e múltiplas distorções.

Carolina Walliter tinha 27 anos quando nos concedeu entrevista, em 2016. É formada em História e trabalha como tradutora e intérprete. De modo significativo para discussão em tela, chegamos a ela por meio

19 Grifos nossos. Disponível em <https://www.updateordie.com/sobre-o-update-or-die/> Acesso em: 18 de outubro 2018.

de um texto de sua autoria publicado na “revista online independente para garotas adolescentes” chamada Capitolina, em que uma vez mais está presente o lamento pelo arrefecimento da prática de ler livros e textos longos²⁰. Neste texto, acompanhamos uma intensa queixa sobre o excesso de leituras intermitentes a que se está sujeito ao longo de um dia enquanto navegamos pelas redes sociais. E Carolina exemplifica tais excessos: “Sejam os textões no Facebook, sejam os 140 caracteres no *feed* do *twitter*, nossos olhos nunca malharam tanto, segurando a barra que é acompanhar a rolagem de notícias que pipocam nas telas dos celulares, *tablets* e computadores” Em mais uma passagem deste mesmo texto, Carolina chama atenção para o fato de os livros terem sido sempre o seu antídoto para a falta de inspiração. No entanto, aos seus olhos, eles já não cumprem este papel: “Nem eles (os livros) têm dado conta desse recado: começo a ler um romance, mas não continuo porque estou cansada e a narrativa não prende a minha atenção, e isso nem sempre diz respeito à qualidade da história: cada vez mais acostumados a consumir conteúdo em um punhado limitado de caracteres, nosso foco de atenção está, de fato, reduzido”.

Tal reflexão desdobrou-se enfaticamente ao longo de toda a entrevista. Em várias outras ocasiões essa mesma leitora mencionou o quanto sentia-se “afogada” em atividades dos mais diversos tipos, que vão da leitura à escrita, a leitura fragmentada em canais diferentes, o manejo da concentração, as séries televisivas, Netflix, ter que arrumar a casa, o Facetime, o Skype, como ela nos afirmou: “Você não consegue se prender no livro. Eu não estou aqui. Eu tô pensando em tudo que eu tenho que fazer, né, claro, a gente vive assim hoje”. E Carolina ainda acrescenta: “O que se faz hoje enquanto se lê? Fica-se incomodada, levanta, sai, anda, não se para...”

Já que estamos diante deste cenário trepidante, não custa acrescentar ao depoimento de Carolina a sua versão sobre o fato de, nos dias de hoje, prescindir-se da leitura para escrever: “não é imprescindível ler para escrever. É só você estar ali com um lápis na mão e com seus dedos, que já é o suficiente pra você escrever, ser escritor. Isso é uma subversão daquela autoridade do “você tem que ler muito para saber escrever sobre um assunto. Isso depende do contexto. A experiência de vida é o suficiente para sair escrevendo”. Eis mais um item que nos permite contracenar gerações e pensar para o caso dos leitores contemporâneos o quanto o peso e a suficiência da experiência de vida e do contexto atuam como

20 Disponível em: <http://www.revistacapitolina.com.br/livros-falta-de-inspiracao-e-estrategias-de-escrita/> Acesso em: 18 de janeiro de 2019.

balizas fundadoras da escritura – são elementos medulares e autossuficientes para esta geração e sua visão de mundo.

O cotidiano de Carolina é atravessado pelo cansaço e pela instabilidade permanentes. Inúmeras são as solicitações que apontam para a exiguidade de seu tempo diante de tantas demandas e para a impossibilidade de se desconectar. Como tradutora e trabalhando em uma cabine de tradução, Carolina nos ofertou a melhor imagem para lidar com tempos difíceis, assoberbados e em franca aceleração. Sua leitura da impermanência atual deriva do que ela “processa” na própria cabine de tradução. É aí que se opera para ela um modo de funcionar que contribui para seus ajustes em contextos muitas vezes movediços e vertiginosos:

(...) a gente recebe uma surra de conteúdos todos os dias quando olha pra uma tela de celular. Então acho que assim, nosso HD não comporta mais, a gente está chegando no limite sobre-humano de informação. E isso acaba desinformando e trazendo falta de comunicação. Então é aquela coisa, nós somos extremamente hiper conectados, hoje não temos problemas de comunicação. Porque a gente não consegue absorver, você recebe aqueles estímulos, é mal ou bem o que eu vivo numa cabine de interpretação. Eu tô ouvindo você falando e a minha memória é curta, entendeu? Eu vou sair da cabine e não sei mais nada que você falou, você pode falar um monte de coisa, eu deletei, entendeu?(...) Você pode até ter uma noção geral, mas eu não vou lembrar dos detalhes, e antes eu lia com muitos detalhes, tanto que sei lá, como eu falei, Harry Potter é um livro que marcou minha adolescência, então eu lembro de detalhes do livro, que acho que se eu ler hoje um livro que me prenda tanto quanto Harry Potter, eu não vou ter a mesma memória, sabe? Porque eu não absorvo tanto. São tantos estímulos gritando na gente. (Carolina Waliter, em entrevista).

A “surra de conteúdos” que Carolina recebe todos os dias só se torna possível de acontecer porque ela vive “através” desses mesmos conteúdos, superando-os no acervo de sua memória. Ou ainda, liberando-os a cada vez que eles saturam sua mente. O cotidiano atribulado de Carolina não permite que os conteúdos da memória repousem ou se consolidem nela como um substrato. Sua memória é curta, fragmentada e os conteúdos devem passar rapidamente, a fim de dar lugar a outros. Quando sai da cabine ela não sabe mais nada do que foi falado durante a tradução. Ela está pronta para novas incursões e novos desafios. Eis aí um verdadeiro recurso astucioso²¹ acionado por Carolina para lidar com as compressões espaço-temporais, com a aceleração do tempo, com a so-

21 DE CERTEAU, M. Ler: uma operação de caça. In: A invenção do cotidiano. 1- Artes de fazer. Petrópolis, Editora Vozes, 1994.

brecarga das demandas profissionais e a exiguidade dos prazos para cumpri-las.

O desassossego do leitor jovem dos dias de hoje reveste-se de inúmeras modalidades de expressão e manifestação. Lidar com a simultaneidade de estímulos, leituras, recursos tecnológicos é uma das mais frequentes. É possível, por exemplo, conferir ao desassossego o ‘sufoco’ que se sente, no universo digital, para se relacionar com experiências que são simultâneas, não lineares e não sequenciais. Em algum momento de sua socialização familiar Carolina conviveu com tarefas ordenadas linearmente, uma após a outra, como ler e ir ao cinema, falar no telefone e estudar. No entanto, quando a entrevistamos, sua queixa sobre a impossibilidade de conter em uma só, todas as atividades que inundavam seu cotidiano, era notável: “Gente eu não leio mais, eu não consigo me prender, porque eu não tô aqui. Eu tô pensando no meu celular e será que alguém me falou alguma besteira no *whatsapp*?”

Muitos jovens se irritam e reclamam do enorme tempo gasto com as redes sociais, ainda que não consigam fugir desta situação. A partir da publicação do texto “Socorro, não consigo mais ler livros”²² no site *Update or die*, Wagner Brenner encontrou uma ampla legião de seguidores que com ele compartilha a angústia e imensa ansiedade de “não mais conseguir ler livros inteiros”, “prolixos” (que são mais uma encheção de linguagem), “que não vão direto ao ponto”, “que se dizem de autoajuda e não ajudam”, “que são muito longos e que obrigam a saltar para o final”...

Estados de espírito como impaciência, ânsia por objetividade e foco, poder de síntese diante de conteúdos literários – sejam eles de que natureza forem – intensificam e problematizam os efeitos que atravessam o desassossego de nossos leitores. Mas este estado de coisas é mais sinuoso e labiríntico do que muitas vezes se pensa. Wagner Brenner, por exemplo, criador do site e autor do texto a que fizemos referência, diz nunca ter lido tanto como agora e que passa o dia inteiro lendo: “mas leio cacos, fragmentos”. Brenner prossegue em seus argumentos para justificar a atual rarefação dos textos longos e contínuos:

tudo o que era consumido em pacote-família, em tabletão, agora é consumido em formato de M&M’s.(...) O que eu ainda não tinha sentido na pele é que esse fenômeno da *snackculture*²³ iria me tirar algo e me impedir de ler textos longos. Porque uma coisa é você perceber

22 Disponível em: <https://www.updateordie.com/2016/07/19/socorro-nao-consigo-mais-ler-livros/>. Acesso em 10 de dezembro de 2018.

23 *Snackculture*, de acordo com a acepção no site em questão, significa consumir entretenimento instantâneo, acostumando-se a receber pequenas doses de conteúdo.

que existe uma nova maneira de ler (circular e não linear) e passar a usá-la. Outra coisa é você perder sua capacidade de concentração.

E finalmente, concluí sobre seu desejo recôndito: “Eu queria adicionar o jeito novo, mas não queria perder o jeito velho”. Esses modos de leitura atuam de forma muitas vezes simultânea: um não se estabelece às expensas do outro, nem de modo definitivo sobre o outro. Ambos se convocam, se retroalimentam, formando uma espécie de balanceio entre eles. No entanto, este balanceio não se opera de modo estável e harmônico. São transições que estão sujeitas a equilíbrios precários, vicissitudes ocasionais, escapadas imprevisíveis, enfim, um retrato de época que se remete e abriga tais instabilidades subjetivas e cognitivas em seu modo de funcionar.

Ao comentar sobre suas leituras o criador da comunidade de *‘updaters’* considera-se hoje “mais factual e assinala que perde fácil a paciência com aquela fase dos livros que se deixavam antecipar pela contextualização e envolvimento com os personagens”. Esta não deixa de ser uma observação que nos auxilia a compor mais uma peça do desassossego em questão, ao mesmo tempo que novamente nos envia para o contraste com a minha geração, a juventude da década de 70. Esta foi mais uma oportunidade em que aflorou à minha mente a lembrança das longas narrativas e dos infinitos prelúdios que anunciavam a “entrada em cena” dos personagens centrais da trama nos romances. Não se trata aqui, é sempre bom ressaltar, de uma mera e crua dicotomia entre ambos os funcionamentos geracionais, mas de um contraponto sempre sujeito a relativizações, nuances e algumas aporias. Um certo divisor de águas que aqui se instala é justamente a importância para nossos informantes de se ir “direto ao ponto” em grande parte das narrativas ficcionais, sinalizando uma “rarefação” do fôlego para se percorrerem passo a passo excessivas descrições que costumam se antepor ao “cerne” de determinadas obras literárias.

CORPO, DESASSOSSEGO E INQUIETAÇÃO

A leitura e o corpo são duas variáveis que nos encaminham igualmente para os contrastes geracionais e também para a linha do desassossego, da inquietude e da trepidação das subjetividades em questão. O modo por meio do qual o corpo funciona como suporte contínuo ou fracionado no ato de ler nos convoca a aprofundar mais um passo na re-

flexão em torno das decalagens que se operam entre corpo e mente²⁴. Ao longo de minha própria infância e adolescência, nada era mais comum e habitual do que se encontrar um jovem sentado sobre uma poltrona ou deitado descontraidamente em sua cama, lendo por horas a fio, um romance, um livro de contos, ou mesmo gibis dos mais variados tipos. Mas o que salta aos olhos aqui é a relação do corpo com a leitura: seu equilíbrio, sua homeostase, sua estabilidade e serenidade verificadas ao longo de muitas horas, sua fixação em um objetivo, o exercício verticalizado da atenção. Ao corpo, portanto, no âmbito da década de 1970, parecia ser atribuída uma relação de pertinência com a concentração, como se um alimentasse o outro, equidistante e retilineamente.

No âmbito desta relação entre o corpo e a leitura, torna-se quase que automático o recurso à citação de Chartier²⁵. O autor reitera que, a partir do século XVIII, a história das práticas de leitura é também uma história da liberdade na leitura. É, pois, nesse século que as imagens representam o leitor na natureza, o leitor que lê andando, que lê na cama... Já na iconografia conhecida no período anterior ao século XVIII, os leitores liam no interior de um gabinete, de um espaço retirado e privado, sentados e imóveis. O leitor e a leitora do século XVIII permitem-se comportamentos mais variados e mais livres – pelo menos quando são colocados em cena no quadro ou na gravura.

Em relação às distintas *motóricas* corporais atravessadas pelos crivos geracionais, Santaella²⁶ nos chama atenção para o ineditismo do traçado contemporâneo do processo perceptivo-cognitivo dos usuários do ciberespaço. Para esta autora, por trás da aparente imobilidade corporal do usuário plugado no ciberespaço, há uma exuberância de instantâneas reações perceptivas em sincronia com operações mentais. Justamente pelo fato de que, neste caso, estão em operação mecanismos cognitivos dinâmicos, absorventes, muito velozes, frutos da conexão indissolúvel, inconsútil do corpo sensório-perceptível à mente, sem os quais o processo perceptivo-cognitivo inteiramente novo da navegação não seria possível. A disseminação dos dispositivos móveis trouxe a navegação para palma da mão e a possibilidade de o equipamento digital estar sempre junto ao corpo do leitor “ubíquo”, ou seja, daquele que se orienta mentalmente entre dois espaços: “Ao mesmo tempo em que lê e responde aos sinais e signos do seu entorno físico também imerge no ciberespaço infor-

24 SENNETT, R. O artífice. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009. SENNETT

25 CHARTIER, R. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: Unesp, 1999, p. 78-79.

26 SANTAELLA, Lucia. Navegar no ciberespaço. O perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

macional. Consequentemente, o que o caracteriza é uma inédita prontidão motora, perceptiva, cognitiva e uma nova economia da atenção derivadas de um modo distinto de funcionamento do seu sistema nervoso central”.²⁷

Nota-se, nessa passagem, retomando a crucial contribuição de Canclini sobre “como se lê”, as diferenciações de operações mentais, que não deixam de estar vinculadas à dimensão corporal, as atividades cognitivas diferenciadas e, sobretudo, ao processo perceptivo-cognitivo inteiramente novo da navegação atual.

Ainda insistindo na temática corporal e suas interseções com os avassaladores processos de transformação e aceleração do capitalismo global, a biodesregulamentação descreve, adaptada aos nossos fins, um tipo de discrepância, de hiato, que faz menção para nossos interlocutores, à situação que os mesmos experimentam em seu dia a dia diante das demandas por hiperdesempenhos: de acordo com Crary²⁸, o termo biodesregulamentação foi cunhado por Brennan para “descrever as discrepâncias brutais entre o funcionamento temporal dos mercados desregulamentados e as limitações físicas intrínsecas aos seres humanos obrigados a se conformar a essa demanda”.

É esta perspectiva de disjunção, de desencaixe entre mercados desregulamentados e limitações físicas intrínsecas dos seres humanos que nos encaminha, pensando junto com nossos interlocutores, ao ‘gatilho’ deste desassossego. É algo que se estende (ou se situa) como que “pendurado” nas subjetividades em questão: o turbilhão de demandas, apelos, chamados e reivindicações em discrepância permanente com a condição de se atendê-las satisfatoriamente. É um ciclo que não se cumpre, uma rachadura que não se sedimenta... Como nos diz Crary, o sono sempre estará a contrapelo das demandas de um universo 24/7. E, como temos discutido, certas práticas de leitura também...

Em nosso caso, são inúmeras as variáveis que orbitam esse estado de coisas, atravessam e provocam as várias situações de discrepância para nossos informantes: a sociedade acelerada 24/7 pensada por Crary, em que as relações de produção, circulação e consumo se mantêm de modo ininterrupto, acelerado e hiperconectado; a sociedade do desempenho, a hiperatenção e a atenção dispersa, que Han coloca como uma busca constante dos sujeitos pelo máximo desempenho, levando a uma autoexploração e a sérios problemas neuronais; e o estado de aten-

27 SANTAELLA, Lucia. A aprendizagem ubíqua na educação aberta. Revista Tempos e Espaços em Educação, 2014, p. 18.

28 Idem nota 6.

ção parcial, que Turkle²⁹ ressalta como sendo aquele em que os indivíduos dividem sua atenção a mais de uma atividade, em especial, causado pelo uso de tecnologias digitais.

Essas variáveis atuam de modos distintos nas biografias de nossos interlocutores e neles encontram também distintas modalidades de lidar com o desassossego e as inquietudes que os circundam. O que vale a pena reter aqui é exatamente a dimensão do hiato, da biodesregulamentação, da quebra que não se completa, para identificar a dinâmica do desassossego com o qual estamos trabalhando.

DESASSOSSEGOS SITUADOS

Apesar de não implicar em um desenho necessariamente binário com a geração da década de 70 e suas inflexões verticais, reflexivas e lineares em relação à leitura, não podemos deixar de acompanhar as experiências de Francisco com a fragmentação, a ansiedade e a compressão espaço-temporal em seu cotidiano. Quando nos concedeu entrevista em 2017, Francisco tinha 38 anos e atuava como diretor executivo da Black Mídia (empresa de transmissão televisiva e produção de mídia), responsável pela banca do Cícero (loja de quadrinhos especializada em HQs brasileiras, localizada no Centro do Rio de Janeiro) e também editor da Mamakoosa TV (canal do Youtube).

Francisco está atrelado a um cotidiano permeado pelo cansaço – outro subproduto do desassossego – frente ao contexto e ao exercício da leitura. O que o afastou das leituras foram as séries televisivas. Ele reconhece este afastamento, lastimando que as séries acabaram por se tornar uma condição inexorável em sua vida: “o que me afastou da leitura, com certeza, sem dúvida, foram as séries”.

Mais à frente, notamos a impressão de desalento e queixa por parte deste leitor em relação a um tempo que passou, quando ele manteve um outro tipo de relação com a leitura:

Era um tempo enorme em que normalmente eu me dedicava a ler. Essas séries são viciantes, são coisas para alguém mais preguiçoso, você está ali com o negócio passando, você dorme na metade e depois volta. Já tentei algumas vezes retomar o hábito de ler, mas não fui bem sucedido nessa tentativa. (Francisco Paschoal, em entrevista).

29 TURKLE, Sherry. Always-on always-on-you: the tethered self. In: James Katz (ed.) Handbook of mobile communications and social change. Cambridge, MA. 2006.

Nos dias de hoje, quando lê, Francisco lê os livros pela metade. Ele demonstra sofrimento por não conseguir voltar a ler tal como fizera tempos atrás. Quando perguntado sobre o livro digital, ele nos diz “que não pegou”, que “não gosta deste modo de ler”. Ele não tem prazer em ler *online*, pois “gosta do cheiro do papel, gosta de ter a revista e juntar aquilo tudo ali”. Apesar da privação de leitura nos tempos atuais, Francisco nos acrescenta que ela é um tipo de entretenimento completamente diferente da série, “ela te dá uma atividade cerebral diferente do retorno de quando você lê um livro”.

Existe uma atmosfera nostálgica no depoimento de Francisco quando ele assinala como sente falta de estar com o livro, de levar os livros para os lugares e de como seus amigos se referiam à falta que sentiam dele “sempre carregando um livro debaixo do braço”. O *smartphone* também é citado por ele como outro grande responsável por tê-lo tirado do contato com os livros. Francisco insiste no fato de que voltará a ser um leitor assíduo, mas que naquele momento, isto estava sendo impossível. “Fragmentação da parada” é como ele nomeia a forma atual de se ler. Referindo-se a um autor a quem ele sempre se sentiu ligado, João Ubaldo Ribeiro, mas cuja obra ele não mais consegue ler integralmente, eis o método adotado por ele para não perder inteiramente o contato com a obra deste autor: seguir a página do autor no Facebook. Quando acessa a rede social digital, ainda que não para buscar extratos de autores de sua preferência, Francisco acaba por seguir algumas páginas e fragmentos de textos desses autores, na tentativa de manter os laços que já teve com a leitura.

Eu leio para ler uns trechinhos dos livros dele que eu já li, entendeu? Mas imagino que tenha muita gente que nem leu esse livro, mas lê um pedaço, que você seleciona partes iradas do livro dele para ler um pedacinho fechadinho. Aquilo virou um outro jeito de ler mesmo, tem essa fragmentação da “parada”. (Francisco Paschoal, em entrevista).

Esta espécie de autonomia do fragmento ou a condição de ler fragmentos de textos resume uma condição muito particular a esses jovens, na medida em que parece “saciar” de forma rápida e elíptica a impossibilidade de se percorrer todo o caminho linear do livro, do princípio ao fim. É o que Francisco nomeia como a “fragmentação da parada”. Ler fragmentos de textos constitui em si uma singularidade nos novos aparatos de leitura, sobretudo se pensarmos sobre o quanto eles são resignificados uma vez que vão para o circuito digital e estabelecem um grande número de usuários que neles encontram uma via privilegiada de acesso ao que lhes interessa obter como conteúdo.

Fatiamento, materialização e fratura das experiências com a leitura é algo quase corriqueiro na vida de Raquel Mendonça, que tinha 23 anos e era estudante de Antropologia na Universidade Federal Fluminense quando conversou conosco sobre suas práticas de leitura, em 2018. Leitora durante anos de sua adolescência de Stephen King, Agatha Christie e Sherlock Holmes, nos dias de hoje ela traça quase que materialmente um planejamento sobre suas leituras. E neste sentido, ela ‘delibera’ sobre o que pretende ler, referindo-se a um conjunto de pastas que possui arquivadas em seu leitor de livros digitais *kindle*, onde se encontram classificações de temáticas do tipo: ‘escritoras britânicas’, ‘pessoas que ganharam o Prêmio Nobel de Literatura’, ‘*Fanfics* do desenho do robôzão’. Quando perguntada sobre a última pasta que abriu ao acaso, como em um sorteio, a resposta veio exatamente ao encontro do que ela mais desejava fazer valer nos últimos tempos: “Nossa, que sorte a minha! Foi a pasta das pessoas que ganharam o prêmio Nobel de Literatura (risos). Porque eu tava lendo a Herta Müller, então eu decidi: Nossa, vou ler as mulheres que ganharam o Prêmio Nobel de Literatura, outro recorte”.

Existe, portanto, uma espécie de recorte prévio – que possivelmente é oriundo do domínio antecipatório e planejável gerado pelas novas tecnologias e por suas intercessões com as práticas de leitura – nas demandas de leitura por parte de Raquel. “Mulheres vencedoras do Prêmio Nobel de Literatura” é uma pré-seleção que Raquel operou para em seguida mergulhar e processar a leitura.

As inúmeras “fatias” de Raquel não deixam de se encontrar em linha de continuidade com a eclosão contemporânea dos vários movimentos e campanhas de visibilidade relacionadas a causas feministas que se desdobram em temas correlatos, como: #leiaautorasnegras, #leiamulheres.

O fato de tais campanhas serem indissociavelmente ligadas a *hashtags* evidencia a associação contemporânea entre o gesto de ler e o compartilhamento em redes sociais digitais. Ao postarem sobre o que estão lendo utilizando palavras-chave específicas precedidas pela forquilha (#), leitores indexam suas práticas de leitura, de forma explícita, no Twitter, Instagram, Youtube, Facebook etc. O usuário que clicar na *hashtag* tem acesso, por conseguinte, às postagens reunidas por tema.

Em janeiro de 2019 a *hashtag* #leiamulheres estava presente em 67,7 mil publicações no Instagram. A página do projeto no Facebook contava, por sua vez, com 33 mil seguidores³⁰. A *hashtag* foi inicialmente proposta no exterior como #readwomen2014, pela escritora Joanna

30 . Disponível em <https://www.facebook.com/leiamulheres/> Acesso em: 18 de janeiro de 2019

Walsh e em 2015 ganhou sua versão brasileira também capilarizada sob a forma de clubes de leitura presenciais. O uso da *hashtag*, assim, se desdobrou em convites para a leitura e debate sobre obras escritas por mulheres, clássicas e contemporâneas, em livrarias e espaços culturais³¹.

Rede social digital e a dimensão do real não são instâncias separadas ou entendidas como em contrapartida uma em relação à outra. Esses movimentos são integrados tanto por postagens em poucos caracteres, quanto por fotos de trechos de livros ou de suas capas, e ainda por potentes ocasiões em que a divulgação de gestos de leitura que prolifera nas redes é situada coletivamente em clubes de leitura.

Raquel não adere aos clubes de leitura. Participar deste tipo de grupo demanda uma certa sintonia, do tipo ler o livro tal até o dia tal para que ele possa ser discutido no encontro. Este circuito não a fascina nem a motiva. Daí por que ela retoma continuamente o seu *setting* de leitura mais solitário, atravessado por seu próprio *timing*.

Já Carol Almeida, crítica de cinema e de quadrinhos, em reportagem ao Suplemento Pernambuco³², nos fornece um eficiente diagrama sobre o funcionamento e o *modus operandi* dos clubes de leitura que aqui se encontram em discussão no jogo da preferências desses jovens: “Fora do circuito dos clubes de leitura, que muitas vezes acontecem em livrarias menores com espaço reservado para encontros justamente como uma tentativa de manter circulação de pessoas e possíveis consumidores dentro do ambiente, é importante notar também um esforço de intensificar trocas críticas em outras iniciativas que buscam ocupar os territórios ameaçados das livrarias”.

Retomando a conversa com Raquel, outro aspecto muito particular na sua relação com a leitura é a questão dos espaços selecionados por ela para ler. A geografia da leitura é central em sua dinâmica interna e pode acabar por se converter em um subproduto redesenhado do próprio desassossego. Ou melhor, uma forma de proteger-se contra ele. Raquel vincula o exercício da leitura à natureza, ou mais especificamente, à proximidade de uma árvore. Esta leitora sempre extraiu um prazer especial dessa proximidade com a natureza e sempre a perseguiu em várias ocasiões de seu cotidiano:

31 Leia Mulheres. Disponível em: <https://www.leiamulheres.com.br/> Acesso em: 18 de janeiro de 2019.

32 Suplemento Pernambuco. Clubes de leitura e o porquê de ler juntos. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-antiores/77-cap/2212-clubes-de-leitura-e-o-porqu%C3%AA-de-ler-juntos.html>. Acesso em: 16 de julho de 2019.

Eu nunca tive o hábito de ler na biblioteca, porque eu sempre gostei de ficar perto de alguma planta. Eu gostava muito de ler no quintal quando eu morava em Caraguá. Tanto que quando eu vim prá cá, eu não sabia o que fazia, onde eu ia ler, porque eu não tinha a minha cadeirinha de praia no quintal... e as coisas mudaram, aí eu comecei a ler na UFF. Por isso a dificuldade com bibliotecas, não tem nenhuma árvore, eu não iria conseguir me concentrar... (Raquel Mendonça, em entrevista).

Raquel chegou a trazer uma planta para sua casa – para colocar na sala a fim de criar a “cor local” e a atmosfera de que necessitava para iniciar, por exemplo, a leitura de um novo romance.

Leonardo Villa-Fortes tinha 31 anos quando conversou conosco, em 2017. É escritor e criador da intervenção urbana *Paginário*. Sua aspiração por geografias finas e acalentadoras para o exercício da leitura nos oferece bons insights para pensar essa relação. Trata-se da intercessão entre cidade, uma grande cosmópole e a leitura. Ou seja, Leonardo resente-se da ausência de espaços de aconchego na cidade, onde ele pudesse ler com tranquilidade, em silêncio, longe de uma atmosfera ruidosa e intempestiva. Referindo-se a uma exposição que organizou, chamada “escritor de paredes” em 2012, no Centro, no *foyer* do Teatro Glauce Rocha, ele nos explica:

Eu trabalhava lá perto numa editora e aí eu sentia isso, talvez tenha ajudado na premissa da pesquisa de vocês, de ser uma cidade difícil para se ter um momento de leitura. Lembro que na hora do almoço eu saía, rodava, não querendo almoçar com ninguém para ter um momento de leitura, sabe? Eu ficava procurando lugares ali no Centro para ler e raramente eu encontrava. Muitas vezes eu ia numa igreja e alguém me expulsava dizendo: “aqui não é lugar para ler”. (Leonardo Villa-Fortes, em entrevista).

Leonardo insistia em seu périplo, adentrando livrarias, procurando refúgio em poltronas confortáveis situadas em seu interior ou mirava locais próximos às próprias estantes: “Eu ficava na livraria, mas aí tem aquele incômodo de ficar só lendo e não comprar nada, às vezes”.

Em suas incursões sobre esta relação entre cidade e leitura e o quão exígua ela se mostra, Leonardo foi mais longe, por sua própria conta: propôs montar um coletivo gráfico, no mesmo local do Teatro Glauce Rocha, só que desta vez o coletivo gráfico atuava como espécie de *lambe-lambe* na rua. Uma técnica de colar papéis aleatoriamente, e que nada tinha a ver com literatura que Leonardo ressignificou com este fim. Ele nos adverte, então, que: “Fiz isso porque queria criar uma ilha de leitura no Centro, lugar onde as pessoas pudessem de graça ler, tinha uns sofás,

uns puffs e tal...” Leonardo nos diz que o coletivo gráfico atuava como uma espécie de lambe-lambe na rua. As suas realizações no teatro foram anteriores à criação do *Paginário*. Foi uma exposição de textos de alguns escritores juntamente com o trabalho de outro coletivo de lambe-lambe que não tinha a ver com literatura. Depois dessa experiência foi que ele percebeu a possibilidade de levar a ilha para a rua. Mas quando isso aconteceu foi no formato do *Paginário*, que não tem os puffs, por exemplo. Ele aliou a técnica do lambe-lambe desse outro coletivo à exposição das páginas de livros.

Layla tinha 18 anos e estava finalizando o ensino médio quando a entrevistamos, no final de 2017. A jovem também fez referência a uma espacialidade que lhe propicia conforto para suas práticas de leitura atuais, que também inclui memórias afetivas sobre como foi socializada para ser leitora. É possível pensar numa correlação entre a ênfase sobre a geografia e a espacialidade da leitura por parte desses jovens como uma forma de anteparo, um dique, para o turbilhão e o derrame de informações contemporâneo? Quando nossos interlocutores se referiam a esses *settings*, eles não os abordavam de modo tenso ou turbulento. Numa palavra, esses não eram lugares que os ‘atropelassem’, como no caso já abordado aqui, do site *Update or die*. Mas ao contrário, nesses espaços é comum a referência a uma zona de tranquilidade, quando se aproveita, inclusive, para ler livros. É aí que é possível se instalar o devaneio, o sonho, a fantasia frente à constância e a ubiquidade da aceleração e do desassossego que estão sempre a rondar o cotidiano desses jovens. O que significa dizer que tais espaços operam uma espécie de decantação ou acúmulo residual em contraposição à ideia intempestiva de correr atrás do novo, de deixar-se inundar pelas novidades que despontam a cada segundo. Carolina foi mais uma de nossas informantes que menciona a “enxurrada de conteúdos” que nos atropela diariamente, circunstância essa que corre paralelamente às ideias de ansiedade e de rarefação do sossego.

Se o atropelo e a surra de conteúdos estão necessariamente relacionados à conexão, o mesmo nem sempre é válido para a leitura nesses cenários. Ela pode decorrer de conteúdos baixados na internet direcionados para leitores digitais, ou seja, a conexão é anterior ao gesto da leitura. Para a boa fruição do conteúdo, entretanto, nos foi colocada a prática do distanciamento temporário do celular e mesmo da tela do computador. Temos também interlocutores que se referem a seus “*comfort books*”, no caso de Layla, este é a “Insustentável leveza do ser”, e temos também vários interlocutores que se referem ao prazer de poder ler livros. Ambas as condições operam uma significativa tomada de distância

frente ao turbilhão dos acenos trepidantes diante do novo, do *dernier cri* do assédio tecnológico irrefreável. Insistimos nesta compreensão, pois nela reside, ainda que sob a forma de “bolsões” descontínuos, uma abertura para descentralizar e nuançar algo que, de antemão, nos parece afogado em permanente instabilidade.

Carolina, por seu turno, viu-se várias vezes em “conluio” com o seu namorado para deixarem o celular em outro ambiente da casa, fora do alcance dos mesmos, a fim de que pudessem ler, conversar, ou mesmo assistir a um filme. Assim ela nos transmite esta espécie de esconde-esconde digital travado entre ela e o namorado:

Meu namorado faz assim: “eu vou botar [o celular] num lugar onde você não alcança”. Aí ele coloca tipo, no alto do armário. O celular fica ligado, desligado... Ele deixa assim “ah você não vai ver, vai ficar tremendo e você não vai ver, vou até botar no modo silencioso ou noturno prá você não escutar”. E aí é engraçado, porque ele faz isso com o celular dele também né. Os dois colocam e pronto, vamos ver TV, viver sem nada, ou vamos cada um olhar pro teto e assim, o celular atrapalha... (Carolina Waliter, em entrevista).

Relatando desta forma as manobras acionadas por seu namorado para tirar de circulação o celular de ambos, Carolina nos faz ingressar em um sutil e indispensável registro na constituição das subjetividades jovens em questão: o que é possível derivar do fato de os celulares serem escondidos e de eles irem ver TV, viver sem nada... ou cada um olhar para o teto? Este sutil registro, indispensável à constituição da subjetividade, por que não seria a capacidade de devanear? “Vamos cada um olhar para o teto”, ainda que tal condição implique em nada fazer, e se chegamos a esta condição como contraponto à aceleração tecnológica, não deixamos de estar fazendo muita coisa. Olhar para o teto é uma condição capaz de nos enviar ao devaneio, a uma reflexividade calma e serena. Algo comumente represado, ou mesmo rarefeito ou eclipsado no estado de coisas no qual transitam nossos informantes.

É curioso acompanhar nossos próprios interlocutores driblando-se a si mesmos em relação à insidiosa presença de um aparelho que, praticamente, ocupou todas as esferas de suas vidas profissionais e privadas.

É patente, portanto, a existência de mecanismos de “salvaguarda” em relação ao celular que os próprios leitores constroem para si. Mais pessoas com quem dialogamos fazem uso de recursos os mais variados tomando como decisiva a tarefa de gerar distanciamento dos celulares e de tudo aquilo que integre o universo digital. Pedro, que tinha 16 anos e era estudante do ensino médio quando o entrevistamos, ao final de nosso

encontro em sua casa olhou para o seu celular e comparou a quantidade de mensagens que recebera, que eram em torno de oitenta, com as mensagens de uma das entrevistadoras, que eram em torno de quinze. Isso para dizer que Pedro é mais um dos leitores cujo desassossego se manifesta não somente no distanciamento do celular para obter tranquilidade, mas igualmente na sua reação de exibir a quantidade de mensagens que lhe foram enviadas durante um período de afastamento estratégico do celular para nos conceder uma entrevista... Ou seja, é este tipo de afastamento que ele reiteradamente aciona para ler.

Os exemplos de Carolina e Pedro, assim como de outros jovens leitores que ouvimos, manifestam espécies de diatribes, frestas e intervalos em seus cotidianos agitados. A presença de formas de “proteção” torna-se imperativa e alavanca a obtenção de espaços tranquilos e apaziguadores para a fruição da leitura ou de outras formas de devaneio.

Neste sentido, é praticamente consensual entre nossos leitores a busca pela tomada de distância frente às insistentes demandas da aceleração do universo *online*. Tal recurso nos envia novamente à reflexão de Cray sobre o capitalismo tardio e os fins do sono. Extremamente crítico às consequências da globalização neoliberal, que, segundo ele, atua sobre a inscrição geral da vida humana na duração sem descanso e continuamente. Este é um tempo, enfim, que não passa mais, para além das horas do relógio.

O que transforma o sono, na análise de Cray, no último reduto a ser encampado pela globalização neoliberal, nos envia à temática do desassossego para nossos interlocutores quando eles lançam mão, a todo custo, de um “refrigério” diante da ânsia que os envolve no ambiente tecnológico circundante. E mais uma vez citar Cray é oportuno em sua percepção sobre a noção de tempo. Neste sentido este se destaca em sua inversão frente às tarefas de longo prazo, inclusive aquelas fantasias de “progresso” ou desenvolvimento. Não se trata mais de acumulação de coisas, nossos corpos e identidades agora assimilam uma superabundância de serviços, imagens, procedimentos e produtos químicos em nível tóxico e fatal.

É no interior de tal fluxo tão crescente e ininterrupto deste contexto de mudanças que podemos situar para nossos informantes a hiperconexão, a hiperatenção como condições frente às quais se deve tomar distância a fim de se criarem “antídotos” de proteção à própria identidade de leitor.

Não se trata, entretanto, de seres considerados completamente subjugados pela tecnologia. Há que se nuançar essa condição aludindo ao fato de que as pessoas com as quais conversamos têm uma capacidade

de reflexiva sobre o que está se passando, alternam suportes, retomam suas trajetórias alinhavando-as com outras leituras que fizeram ao longo da vida, formulam contrastes de experiências e têm prazer, sobretudo, de falar e problematizar continuamente a respeito de todo esse contexto tão desafiador.



Maria Isabel Mendes de Almeida é doutora e mestre em Sociologia pelo IUPERJ-Ucam. É professora no Programa de Pós-Graduação do Departamento de Ciências Sociais da PUC Rio e pró-reitora de Pós-graduação e pesquisa da Universidade Candido Mendes. Realizou pós-doutorado em Sociologia pela Universidade Paris-V-René Descartes.

Também é coordenadora do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Candido Mendes- UCAM, que possui como principais áreas de pesquisa, culturas jovens urbanas e novas configurações subjetivas, identidade e consumo, juventude e o consumo de substâncias sintéticas, corpo e subjetividade, cultura digital, espaço e subjetividade, gênero e sexualidade, criatividade e redefinições das práticas profissionalizantes jovens.

CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Sonia Montañó
- N. 04 *Emani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Suzana Klipp
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Edison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Débora Krischke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Oswaldo Giacóbia Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Nisia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – André Gorz
- N. 32 *À meia luz: emergência de uma Teologia Gay* – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Ailton Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Luiz Mott
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – Adriana Braga
- N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Edison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Gérard Donnadieu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Ceres Karam Brum
- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Gérard Donnadieu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Evi-lázio Teixeira
- N. 51 *Violenças: O olhar da saúde coletiva* – Éilda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais* – Thomas Kesseling
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Fernando Haas
- N. 54 *Atividade da sociedade civil relativa ao desemprego na Europa e no Brasil* – An Vranckx
- N. 55 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Gilberto Dupas
- N. 56 *O decrescimento como condição de uma sociedade convivial* – Serge Latouche
- N. 57 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Günter Küppers
- N. 58 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Hazel Henderson
- N. 59 *Globalização – mas como?* – Karen Gloy
- N. 60 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – Cesar Sanson
- N. 61 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Regina Zilberman
- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Artur Cesar Isaia
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoece: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Ney Lemke

- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campepinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moda* – Octávio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Biótica* – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: Iêdo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnologia* – Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Mariângela Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Valério Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – Adriano Premebida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático?* – Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração* – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT, jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – Sonia Montano
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Carlos Daniel Baio
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminoti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascuo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexões na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel*
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Ederson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borja da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta

- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greycy Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pomalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois" – Claudia Wasseman*
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
- N. 174 *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
- N. 175 *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalsetto e Everaldo Cescon
- N. 176 *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 *Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
- N. 179 *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 *Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro* – José Rogério Lopes
- N. 183 *A Europa e a ideia de uma economia civil* – Stefano Zamagni
- N. 184 *Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite")* – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 *A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade* – Stefano Zamagni
- N. 186 *A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados* – Joseane Mariéles Schuck Pinto
- N. 187 *Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil* – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 *Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção* – Luis David Castiel
- N. 189 *Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero* – Marlene Tamanini
- N. 190 *Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito* – Claudia Fonseca
- N. 191 *#VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras* – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 *A ciência em ação de Bruno Latour* – Leticia de Luna Freire
- N. 193 *Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica* – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 *A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade* – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 *Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica* – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Torgo Wickstrom Alves
- N. 196 *A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico* – Adolfo Nicolás
- N. 197 *Brasil: verso e reverso constitucional* – Fábio Konder Comparato
- N. 198 *Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva* – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 *Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI* – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari
- N. 200 *Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia* – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 *Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética* – Jordi Maiso
- N. 202 *Fim da Política, do Estado e da cidadania?* – Roberto Romano
- N. 203 *Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania* – Maria da Glória Gohn
- N. 204 *As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend* – Miguel Ângelo Flach

- N. 205 *Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro* – Fábio Konder Comparato
- N. 206 *Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual* – Karla Saraiva
- N. 207 *Territórios da Paz: Territórios Produtivos?* – Giuseppe Cocco
- N. 208 *Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro* – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 *As possibilidades da Revolução em Elul* – Jorge Barrantes-Parra
- N. 210 *A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben* – Márcia Rosane Junges
- N. 211 *Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo* – Sandra Caponi
- N. 212 *Verdade e História: arqueologia de uma relação* – José D'Assunção Barros
- N. 213 *A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ* – José Odelson Schneider
- N. 214 *Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze* – Sandro Chignola
- N. 215 *Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação* – Alejandro Rosillo Martinez
- N. 216 *A realidade complexa da tecnologia* – Alberto Cupani
- N. 217 *AArte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend* – Hans Georg Flickinger
- N. 218 *O ser humano na idade da técnica* – Humberto Galimberti
- N. 219 *A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre* – Halina Macedo Leal
- N. 220 *O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil* – José Eduardo Franco
- N. 221 *Neurofuturos para sociedades de controle* – Timothy Lenoir
- N. 222 *O poder judiciário no Brasil* – Fábio Konder Comparato
- N. 223 *Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão* – Jesús Conill Sancho
- N. 224 *O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867)* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 *O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais* – Xavier Albó
- N. 226 *Justiça e perdão* – Xabier Etxebarria Mauleon
- N. 227 *Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor)* – Martín Almada
- N. 228 *A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo* – Sandro Chignola
- N. 229 *Um olhar biopolítico sobre a bioética* – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 *Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil* – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 *Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida* – Jesús Conill Sancho
- N. 232 *Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul* – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 *Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança* – Elsa Cristine Bevan
- N. 234 *O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira* – Róber Humet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 *Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945)* – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 *Economias Biopolíticas da Dívida* – Michael A. Peters
- N. 237 *Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação* – Halina Macedo Leal
- N. 238 *O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global?* – Leandro Inácio Walter
- N. 239 *Brasil: A dialética da dissimulação* – Fábio Konder Comparato
- N. 240 *O irrepresentável* – Homero Santiago
- N. 241 *O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno* – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 *Uma crise de sentido, ou seja, de direção* – Stefano Zamagni
- N. 243 *Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão* – Dirce Koga
- N. 244 *A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal* – Alexandre Filardi de Carvalho
- N. 245 *Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo* – Moysés da Fountoura Pinto Neto
- N. 246 *O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo* – Andrea Fumagalli
- N. 247 *Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo* – Dora Lília Marin-Díaz
- N. 248 *Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia* – Roberto Romano
- N. 249 *Jesuitas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980)* – Iraneilson Santos Costa
- N. 250 *A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet* – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 *Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira* – Francini Lube Guizardi
- N. 252 *A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade* – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 *Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades?* – Vinicius Nicastro Honesko
- N. 254 *Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva* – Jean-Bosco Kakzi Kashindi
- N. 255 *Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles* – Marcelo Castañeda
- N. 256 *Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira* – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 *Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização* – Altair Sales Barbosa
- N. 258 *O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder* – Rodrigo Kamy Bolton
- N. 259 *Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical?* – Moysés Pinto Neto
- N. 260 *Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre?* – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 *Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo* – Henrique Costa
- N. 262 *As sociabilidades virtuais globalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife* – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 *Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira* – Sauro Bellezza
- N. 264 *Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS)* – Stela N. Meneghel
- N. 265 *Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum* – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 *Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos* – Aline Albuquerque
- N. 267 *O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil* – Giuseppe Tosi
- N. 268 *Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia?* – Alana Moraes de Souza
- N. 269 *A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente* – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 *O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna* – Viviane Zaremski Braga
- N. 271 *O que caminhar insano sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza* – Flavio Williges
- N. 272 *Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana* – Rafael Lopez Villaseñor
- N. 273 *Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira* – Celso Gabatz
- N. 274 *Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo* – Acacium Oliveira

- N. 275 *Tendências econômicas do mundo contemporâneo* – Alessandra Smerilli
- N. 276 *Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord* – Atilio Machado Peppe
- N. 277 *O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social* – José Roque Junges
- N. 278 *Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo* – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Murly Scalco
- N. 279 *O mal-estar na cultura medicamentalizada* – Luis David Castiel
- N. 280 *Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia* – Alain Gignac
- N. 281 *A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual* – Mário José Maestri Filho
- N. 282 *A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo* – Angela Ganem
- N. 283 *Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome* – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 *Renda básica em tempos difíceis* – Josué Pereira da Silva
- N. 285 *Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras* – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 *O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço* – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 *A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk* – Itamar Soares Veiga
- N. 288 *Para arejar a cúpula do judiciário* – Fábio Konder Comparato
- N. 289 *A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira* – Mari-linda Marques Fernandes
- N. 290 *A Universidade em busca de um novo tempo* – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 *Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo* – Rôber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 *As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras* – Aloir Pacini
- N. 293 *Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus* – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 *O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî* – Faustino Teixeira
- N. 295 *Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer* – Cristiano de Melo Bastos



UNISINOS